

REFLEXOS DA CRISE: *Investidores se entusiasmam com perspectivas de rendimento proporcionadas pela elevação das taxas*

É hora de ganhar com poupança e fundo de renda fixa

Alta das taxas de juros, determinada pelo Governo na semana passada, dobrou a rentabilidade média destas aplicações

Lucinda Pinto

• SÃO PAULO. Depois de três anos amargando míseras taxas de rentabilidade em suas aplicações financeiras, muitos investidores ficaram entusiasmados ao verem os juros dobrarem da noite para o dia. A poupança, que vinha rendendo ao cliente cerca de 1,2% ao mês, ganhou uma taxa de remuneração de 2,4%. Já a rentabilidade dos fundos de renda fixa saltou de 1,6% para 3%, em média. A captação desses produtos, naturalmente, cresceu. Ainda não há dados consolidados, mas os bancos calculam que a média de depósitos diários cresceu entre 10% e 20% na semana passada.

Esse movimento, entretanto, não é aconselhado pelos especialistas. Pelo menos para o investidor que tem por hábito montar uma cesta de aplicações. A gerente de Produtos do Citibank, Ana Lúcia Macedo, diz que quem tem dinheiro aplicado em fundos de ações deve resistir à tentação de sacar o dinheiro para correr atrás das taxas mais altas.

A expectativa dos analistas, formada com base em informações do próprio Governo, é de que essas taxas devem cair. Assim, não é o momento para vender ações, que estão com preços baixos, para aproveitar uma alta momentânea dos juros. Embora seja consenso que todo pequeno e médio investidor deve manter uma boa parte de seus recursos guardados em renda fixa.

— As pessoas estão com uma miopia momentânea e correndo atrás de uma rentabilidade que vai durar pouco. Eu aconselho que o investidor não faça nenhum movimento agora — diz Ana Lúcia.

Ninguém tem certeza sobre taxa a ser paga

O investidor vai verificar nos próximos dias uma instabilidade incomum nos produtos de renda fixa, justamente esses que são destinados aos que não gostam de correr riscos. O superintendente do Excel-Econômico, Paulo Nogueira Caetano, diz que há um descompasso entre Governo e mercado financeiro. Ninguém sabe ao certo qual deve ser a taxa paga aos investidores. Na sexta-feira, para se ter uma idéia, os CDBs de 30 dias tinham taxa que

variavam entre 37% e 48% ao ano. Assim, não é momento para experiências nem para riscos.

Muitos clientes já tomaram o susto de ver uma rentabilidade negativa em seus fundos de renda fixa, quando houve o aumento das taxas de juros. Isso aconteceu porque esses fundos tinham papéis prefixados, que não acompanham o aumento dos juros. Os administradores precisaram trocar os papéis prefixados por novos títulos, gerando um prejuízo. Se as taxas voltarem a cair, como esperam os especialistas, parte dessa perda será recuperada. Mas, caso os juros subam ainda mais, a rentabilidade continuará muito baixa ou até negativa.

Fundos DI podem render mais que poupança

Uma boa alternativa para quem quer colocar seu dinheiro em um produto de renda fixa são os fundos DI, aqueles que têm, entre seus papéis, derivativos que protegem as cotas das oscilações das taxas de juros. Esses fundos conseguiram garantir boa rentabilidade aos clientes no mês de outubro, apesar da turbulência no mercado. Os fundos DI costumam render um pouco menos que os tradicionais quando a tendência dos juros é de baixa. Mas, em tempos de instabilidade, são opções melhores até que a poupança, que promete rendimento próximo a 2,4% este mês.

O economista do BMC Marcelo Allain aposta no longo prazo e quer aproveitar o ganho da bolsa. Depois da crise da semana retratada, ele aumentou em 10% sua posição em fundo de ações, que equivale a 30% de suas reservas financeiras, mesmo sabendo que essa fatia de seu portfólio pessoal não estava gerando lucro. Ele quis aproveitar os preços baixos das ações para, daqui a seis meses, vê-las subir novamente. Mas Allain mantém boa parte de seus investimentos em renda fixa. São 30% colocados em CDBs com swap em CDI, 5% em poupança e 35% em CDBs tradicionais.

— Embora eu não recomende que o investidor aumente sua parcela de aplicação em renda fixa por causa do aumento dos juros, continuo achando importante ter a maior parte dos recursos guardados em produtos de menor risco — diz Allain. ■

Economia-Brasil

Sérgio Andrade



MARCELO ALLAIN, do BMC, aposta no longo prazo e quer aproveitar o ganho da bolsa: depois da crise, ele aumentou em 10% sua posição em fundo de ações.

CDB

• É o papel que mais tem refletido a insegurança do mercado financeiro em relação à tendência das taxas de juros. Na sexta-feira, as taxas dos CDBs de 30 dias oscilavam de 37% a 48%. Isso aconteceu porque não havia um consenso sobre qual deve ser o nível de juros adequado para este momento. Para o pequeno e médio investidor, entretanto, os bancos estavam pagando uma taxa de cerca de 39% ao ano, ou 2,88% ao mês.

Os CDBs de 60 dias ofereceram uma rentabilidade inferior ao pequeno investidor, de 37% ao ano, ou 2,66% ao mês. Essa diferença aconteceu porque as taxas dos papéis mais longos levavam em conta a expectativa de queda dos juros para o próximo mês. É preciso estar atento ao fato de que as taxas dos CDBs variarão conforme o volume de recursos que o investidor está disposto a aplicar.

FUNDO DE AÇÕES

• Aplicação de alto risco que deve submeter o investidor a fortes emoções nos próximos meses. Segundo o Banco Pontual, os fundos de ações perderam 21,17% em outubro e os carteira livre, 18,76%. Mas os analistas continuam recomendando o mercado de renda variável como uma boa opção para quem tem dinheiro que pode ficar guardado por mais de um ano. Se o ajuste fiscal for realizado e o processo de privatização continuar, a expectativa é que os investidores estrangeiros voltem a investir nas bolsas brasileiras. E nada melhor do que esperá-los comprando os papéis quando os preços estão baixos. Este é, portanto, o momento certo para o investidor entrar em fundos de ações. É bom lembrar: no ano, o Ibovespa acumula ganho de 20,4%, ou seja, parte da oscilação do mercado pode significar só realização de lucros.

FUNDO DE RENDA FIXA

• Os fundos de renda fixa vão voltar, este mês, a registrar rentabilidade superior à da poupança. As taxas de retorno dessa modalidade de investimento devem variar ao redor de 3%, contra os 2,4% esperados para a poupança. É uma taxa muito maior que as registradas antes da crise, de 1,6%, aproximadamente. Mas ainda há um certo grau de instabilidade em relação a quando e a quanto as taxas de juros vão cair. Por isso, a recomendação dos especialistas é de que o cliente opte pelos fundos DI, aqueles que têm papéis do mercado de futuros que protegem o investidor de eventuais oscilações dos juros. Tanto é que esses fundos mantiveram rentabilidade positiva. Em tempos de juros em baixa, os fundos DI podem render um pouco menos do que o tradicional. Mas podem ser uma alternativa para evitar novos sustos.

POUPANÇA

• O produto ganhou prestígio. A remuneração do poupançador dobrou: do 1,2% ao mês em média antes da crise, o rendimento passou para 2,4%. O resultado foi uma corrida para as caderetas, onde já estavam depositados até outubro cerca de R\$ 87 bilhões — 26% de todos os ativos financeiros do país. De quebra, a poupança mostrou-se o único investimento absolutamente seguro. Assustados com resultados negativos nos fundos de renda fixa, muitos investidores voltaram à poupança, aceitando um rendimento inferior em troca da segurança. A poupança foi beneficiada porque tem correção pela TR, calculada com base nos CDBs, que sofreram impacto direto pela alta dos juros determinada pelo Banco Central. Mas os especialistas advertem que a expectativa é de que, em pouco tempo, as taxas voltem ao normal.